

## LIMA BARRETO E SUA CRÍTICA A IMPRENSA CARIOCA NA ALVORADA REPUBLICANA

*Thiago Venícius de Sousa Costa (Aluno vinculado ao Programa Institucional de Iniciação Científica Voluntária – ICV), Denílson Botelho (Orientador, Depto de Geografia e História – UFPI)*

### Introdução

Tendo em vista as transformações históricas ocorridas com a imprensa durante o início do século XX, em que o jornal deixava de ser um produto artesanal para assumir um caráter empresarial, um novo fazer jornalístico é inaugurado na Primeira República. Sob o véu do conservadorismo, da homogeneização e da padronização de um discurso recorrentemente burguês, o período é marcado por inovações no campo tipográfico e informativo, cuja intenção era promover a popularização e o barateamento dos impressos, a incorporação dos literatos nas redações e a exploração do sensacionalismo.

O espaço ocupado por esses literatos nas colunas dos periódicos é cada vez mais abrangente e significativo, não apenas por instituírem um novo substrato – na figura do repórter atuando em editoriais específicas –, mas por conseguirem re-significar o papel das crônicas, que antes dividia espaço com os folhetins nos rodapés das páginas dos jornais. Essas crônicas criam representações do cotidiano, transformando o real em um campo de subjetividades. Por meio desse suporte textual, portador de uma linguagem próxima da oralidade, se estabelece uma relação quase íntima com o leitor. Sejam impressões, memórias ou invenções imagéticas, as crônicas acabam desenhando um painel da sociedade, com seus movimentos, sons e tons.

É preciso problematizar as condições em que se deram essas mudanças, como esses homens foram incorporados nos diários, assim como questionar o papel da literatura. Ressaltamos que a própria credibilidade dos jornais foi reforçada com a absorção de literatos renomados como seus colaboradores. E o esforço feito para sua manutenção nos diários resultou na produção de crônicas, folhetins e matérias especializadas, por vezes de cunho literário. Chega-se ao ponto em que o próprio fazer jornalístico se confunde com a literatura, assim como a literatura declina de suas representações semânticas da arte em nome de uma pretensa objetividade almejada.

Partindo desse pressuposto, proponho uma reflexão sobre a atuação de Lima Barreto na imprensa carioca. Utilizando de ironia e sarcasmo, o autor dá visibilidade às ilusões advindas da fundação do novo regime republicano. Cabendo então destacar seu posicionamento crítico ao “cartel midiático”, espécie de sentinela moral do Estado. Talvez a sua contribuição no jornalismo se aproxime do que identificaríamos posteriormente como imprensa alternativa, haja vista sua colaboração com diferentes periódicos, como *A.B.C*, *Careta*, *Gazeta da Tarde*, *A voz do Trabalhador*, *Estação Teatral*, *Almanaque d’A noite*, *Fon-Fon*, etc. Delineamos assim sua percepção crítica acerca do papel da imprensa na sociedade brasileira do início do século XX.

## **Metodologia**

A análise a ser apresentada coteja artigos e crônicas de Lima Barreto reunidos em duas obras publicadas pela Editora Brasiliense, em 1956, *Bagatelas* e *Feiras e Mafuás*, o romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* – que em 1909 desnuda os bastidores de um jornal -, assim como bibliografia específica sobre o tema.

## **Resultados e Discussão**

Dos 92 artigos e crônicas analisados é possível notar primeiramente a capacidade de Lima Barreto discorrer acerca de temas diversos, não ficando a par dos principais acontecimentos de sua época e do mundo. É um leitor assíduo de jornais – embora ressalte que não seja fiel a nenhum periódico –, assinante de revistas e livros estrangeiros, já que tem o domínio do inglês e francês fruto da boa educação que recebera, e demonstra grande sensibilidade a questões referente à cultura, economia, política e sociedade.

Seu posicionamento com a imprensa é variado, desde o momento em que critica a institucionalização de padrões do cosmopolitismo burguês, excluindo o tradicionalismo cultural da massa que tende a entrar em conflito direto com a memória, quando institui novos espaços e lugares que a simbolizem, assim como exibe as contradições dos jornais, quando condenam antigos hábitos e possuem brechas que a contrariam. Além disso, uma de suas maiores inquietações é quem, alias é a imprensa? Tendo em vista o monopólio da informação e a validade da notícia no imaginário popular, dados quase que exclusivamente pelos grandes jornais, considerados os veículos informativos da verdade.

As observações feitas por Lima Barreto nessa pesquisa é dado por sua leitura, análise, questionamento e reparos de matérias no *Jornal do Comércio*, *O País*, *Gazeta de notícias*, *O Jornal*, *Correio da manhã*, *A. B. C*, etc. Daí faz suas notas sobre o cotidiano, feminismo, futebol, saúde pública, arbitrariedade das leis, burocratas, economia, cultura e casos curiosos. E diferentemente de outros jornalistas, se apresenta como um profissional independente, com despojamento na escrita, se utilizando do sarcasmo, da irreverência e caricatura, para analisar diferentes sujeitos da sociedade carioca por diferentes ângulos e em contextos variados.

## **Conclusão**

Dessa pesquisa resulta um perfil que qualifica Lima Barreto como um antípoda da grande imprensa que se corrompia ao ingressar em moldes empresariais de atuação, diluindo sonhos, subjetividades e autonomia, daqueles que tentam mostrar suas qualidades nas gazetas, mas acabam resignando-se perante o capital em prol de benesses. Perfil esse que se esboçava quando ainda era estudante de engenharia e participava d'*A Lanterna* - que intitulava-se “órgão oficioso da

mocidade de nossas escolas superiores” -, na qual passou a colaborar com pseudônimo Alfa Z ou Momento de Inércia.

E por meio de análise a artigos e crônicas de Lima Barreto é possível compreender uma parte do grande mosaico que é o Rio de Janeiro no início do século XX, assim como as mudanças do jornal, deixando de ser artesanal para entrar no molde industrial. Além de expolir sua percepção crítica a imprensa carioca, tida como manipuladora e sensacionalista, objurgando-se sobre o monopólio da informação e defendendo a publicidade de ideias por diferentes canais informativos, notabilizando a simplicidade da forma de se produzir a notícia, sem abuso na retórica e abstrações.

Não obstante, é a partir das críticas que faz sobre o cartel midiático, incita uma nova forma de se fazer o jornalismo. O compromisso com a verdade, talvez, seja uma das suas primeiras reivindicações, num momento em que as notícias eram facilmente forjadas; outro ponto seria a forma como a linguagem deveria ser trabalhada nos impressos, além disso, incitar uma postura humanizada nas pessoas, não se restringindo as redações, mas de maneira amplificada, dentro de uma sociedade do cosmopolitismo arrivista.

## Referências

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

BARBOSA, Marialva. *Os Donos do Rio: Imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

\_\_\_\_\_. *História cultural da imprensa: Brasil – 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007

BOTELHO, Denilson. *A pátria que quisera ter era um mito: o Rio de Janeiro e a militância literária de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COUTINHO, Eduardo Granja (Org.). *Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: EDUFPI, 2011.

ROMANCINI, Richard; CLÁUDIA, Lago. *História do Jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2005.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical*; história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (Org.). *Toda crônica*: Lima Barreto. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

**Palavra-chave:** Imprensa. Jornalismo. Lima Barreto.